



SANTA CATARINA E AS MISSÕES EMBLEMÁTICAS: IR AONDE NINGUÉM QUER IR

«Ao eleger os ‘postos de avançada’ na missão¹, nos referimos ao que chamamos ‘destinos emblemáticos’: lugares que representam um timbre de honra para nossa pequena Família Religiosa, visto que se trata de lugares de missão onde os missionários talvez não vejam os frutos abundantes do seu trabalho, onde provavelmente não surjam vocações e onde talvez se nós não houvéssimos aceitado ir ninguém teria ido, por causa das dificuldades. No entanto, o sacrifício silencioso daqueles que ali dão sua vida por Cristo não ficará sem recompensa, são uma enorme fonte de bênçãos para todo o Instituto e para a Igreja universal»².

Santa Catarina, como vimos nesta sequência de boas noites, viveu numa época onde nascia «o grande Cisma, que iria perturbar a unidade da Igreja por quase 40 anos. A Santa, que o previra, sentiu penetrar na sua carne a ferida que afligia a Igreja. **Agora era tempo de abandonar qualquer outro pensamento e dedicar-se com todas as forças a lutar pela unidade do Corpo místico e pelo único verdadeiro Papa.** Doravante as suas cartas ardorosas poder-se-ão chamar mensagens da unidade cristã. O amor pelo Papa e pela Igreja arde na sua alma»³.

Portanto, Deus encomenda a Santa Catarina essa missão, que podemos chamar de **emblemática**, pois, sendo mulher, de um povoado até então insignificante, analfabeta, **tem a missão de dedicar-se com todas as forças na luta pela unidade do Corpo místico.**

1. La humanidade restaurada

Considerando que: *ninguém dá o que não tem*, Santa Catarina não poderia restaurar a unidade da Igreja, nem a dignidade dos homens que a governavam nesta época se ela mesma não houvesse sido testemunha do sobrenatural, testemunha da graça que supõe e aperfeiçoa a natureza.

«“À pergunta *porquê a missão?*, respondemos, com a fé e a experiência da Igreja, que abrir-se ao amor de Cristo é a verdadeira libertação. N'Ele, e só n'Ele, somos libertos de toda a alienação e extravio, da escravidão ao poder do pecado e da morte. Cristo é verdadeiramente ‘a nossa paz’ (Ef 2,14), e ‘o amor de Cristo nos impele’ (2 Cor 5, 14), dando sentido e alegria à nossa vida. *A missão é um problema de fé*, é a medida exata da nossa fé em Cristo e no Seu amor por nós”⁴»⁵.

Neste sentido o missionário é embaixador de Cristo, portanto, é ele quem deve dar testemunho e trabalhar para restaurar essa humanidade, livrar o homem da alienação, da escravidão e do pecado. Sigamos o pensamento do Papa Magno sobre a Santa no centenário de sua morte: «Nós olhamos hoje para Santa Catarina, primeiramente para admirar o que imediatamente impressionava todos os que dela se aproximavam: *a extraordinária riqueza de humanidade*, em nada ofuscada mas antes aumentada e aperfeiçoada pela graça, que fazia dela uma imagem viva daquele autêntico e são ‘humanismo’ cristão, cuja lei fundamental é formulada pelo irmão e mestre de Catarina, São Tomás de Aquino, com o aforismo conhecido: “a graça não suprime, mas supõe e aperfeiçoa a natureza”⁶. *O homem de dimensões completas é o que se realiza na graça de Cristo.*

¹ IVE, *Notas del V Capítulo general*, 4.

² C. M. BUELA, *Juan Pablo Magno*, (New York – 2011) p 535-536.

³ SÃO JOÃO PAULO II, *Amantissima Providentia*, (29 de abril de 1980).

⁴ SÃO JOÃO PAULO II, *Redemptoris Missio*, (7 de dezembro de 1990) 11.

⁵ *Diretorio de missões ad gentes*, 57.

⁶ *Summa Theol.* I q1, art. 8, ad 2.



Quando no meu ministério insisto em chamar a atenção de todos para a dignidade e os valores do homem, que hoje é necessário defender, respeitar e servir, é sobretudo desta natureza, saída das mãos do Criador e renovada no Sangue de Cristo Redentor, que falo: natureza em si boa e, portanto, curável na sua enfermidade e perfectível nos seus dotes, chamada a receber aquele ‘mais’ que a torna participante da natureza divina e da ‘vida eterna’. Quando este elemento sobrenatural se enxerta no homem e neste pode atuar com toda a sua força, realiza-se o prodígio da ‘nova criatura’, que na sua transcendente elevação não anula, mas torna mais rico, mais denso e mais sólido tudo o que é autenticamente humano.

Assim a nossa Santa — na sua natureza de mulher dotada abundantemente de fantasia, intuição, sensibilidade, de vigor volitivo e realizador, capacidade e força comunicativa e disponibilidade para a doação de si e para o serviço transfigurada, mas não empobrecida à luz de Cristo que a chama a ser Sua esposa e a identificar-se misticamente com Ele na profundidade do ‘conhecimento interior’, como também a empenhar-se na ação caritativa, social e até política, entre grandes e pequenos, ricos e pobres, doutos e ignorantes. E ela, quase analfabeta, torna-se capaz de fazer que a escutem e leiam, e a tomem em consideração, governadores de cidades e reinos, príncipes e prelados da Igreja, monges e teólogos, por muitos dos quais é venerada precisamente como ‘mestra’ e ‘mãe’.

É mulher prodigiosa que, naquela segunda metade do século XIV, mostra em si do que foi tornada capaz uma criatura humana e — insisto — uma mulher, filha de humildes tintoreiros, quando sabe escutar a voz do único Pastor e Mestre, e alimentar-se à mesa do Esposo divino, a quem, como ‘virgem prudente’, consagrou generosamente a própria vida.

Trata-se de obra-prima da graça renovadora e relevante da criatura até à perfeição da santidade, que é também realização plena dos valores fundamentais da humanidade»⁷.

Tendo resgatado nela os valores fundamentais da humanidade, pode como uma autêntica missionária, a exemplo Daquela que a enviou, dar testemunho e trabalhar com todas as suas forças para resgatar a unidade da Igreja.

2. Luta pela Igreja

« “Existe, portanto, uma ligação profunda entre Cristo, a Igreja e a evangelização. Durante este ‘tempo da Igreja’ é ela que tem a tarefa de evangelizar. E essa tarefa não se realiza sem ela e, menos ainda, contra ela”⁸. Não se pode pretender “amar a Cristo, mas sem a Igreja, ouvir a Cristo, mas não à Igreja, ser de Cristo, mas fora da Igreja. O absurdo de uma semelhante dicotomia aparece com nitidez nesta palavra do Evangelho: “Quem vos rejeita é a mim que rejeita” (Lc 10,16). E como se poderia querer amar Cristo sem amar a Igreja, uma vez que o mais belo testemunho dado de Cristo é o que São Paulo exarou nestes termos: “Ele amou a Igreja e entregou-se a si mesmo por ela?” (Ef 5,25) ⁹»¹⁰.

Se consideramos a Igreja como Corpo místico de Cristo e analisamos a divisão em que ela se encontrava na época de Santa Catarina, podemos concluir que essa divisão no Corpo leva à separação da Cabeça, afinal não seria natural que uma Cabeça tivesse dois corpos, necessariamente um deve ser o autêntico. Como já dissemos: « “Quem vos rejeita é a mim que rejeita” (Lc 10,16). E como se poderia querer amar Cristo

⁷ SÃO JOÃO PAULO II, *Homilia no VI centenário da morte de Santa Catarina de Sena*, (29 de abril de 1980) 2.

⁸ SÃO PAULO VI, *Evangelii Nuntiandi*, 16.

⁹ *Ibidem*.

¹⁰ *Diretório de Missões Ad gentes*, 10



sem amar a Igreja^{11»12}. Em sua encíclica *Ut unum sint*, São João Paulo II expressa essa unidade entre o amor de Cristo e de Sua Esposa: «Acreditar em Cristo significa querer a unidade; querer a unidade significa querer a Igreja; querer a Igreja significa querer a comunhão de graça que corresponde ao desígnio do Pai desde toda a eternidade»¹³.

É então que *Nosso Senhor confia a Santa Catarina a missão emblemática* de restaurar a unidade da Igreja, e mostrar sua branca face aos homens, de mostrar a autenticidade do único Corpo místico de Cristo, a verdadeira dispensadora do Sangue Redentor, a que possui a chave que abre o lado de Cristo e dá aos homens o acesso ao Reino dos céus.

Na homília do IV centenário da morte de Santa Catarina de Sena, São João Paulo II fala de sua missão na Igreja: «A sua grande sensibilidade perante os problemas da Igreja no seu tempo transforma-se deste modo numa comunhão com o *Christus patiens* e com a *Ecclesia patiens*. Esta comunhão está na origem da sua mesma atividade exterior, que em certo momento a Santa é movida a exercer, primeiro com a ação caritativa e com o apostolado laical na sua cidade, e bem depressa num plano mais vasto, com o esforço de alcance social, político e eclesial.

Em qualquer caso, vai Catarina buscar àquela fonte interior a coragem da ação e a inexaurível esperança que a sustenta mesmo nas horas mais difíceis, mesmo quando tudo parece perdido, e é tal fonte que lhe permite influir nos outros, mesmo nos mais altos níveis eclesiais, com a força da sua fé e a fascinação da sua pessoa completamente oferecida à causa da Igreja.

Numa reunião de Cardeais na presença de Urbano VI, segundo conta o Beato Raimundo, Catarina “demonstrou que a divina Providência está sempre presente sobretudo quando a Igreja sofre”¹⁴; e fê-lo com tal ardor, que o pontífice no fim exclamou: “Que há de temer o Vigário de Jesus Cristo, mesmo que o mundo inteiro se volte contra ele? Cristo é mais poderoso que o mundo, e não é possível que abandone a Sua Igreja”¹⁵.

Tratava-se de um momento excepcionalmente grave para a Igreja e para a Sé Apostólica. O demônio da divisão penetrara no povo cristão. Ferviam por toda a parte discussões e rixas. Mesmo em Roma havia quem tramasse contra o Papa, não sem o ameaçar de morte. O povo amotinava-se.

Catarina, que não cessava de animar pastores e fiéis, sentia, contudo, que chegara a hora de uma suprema oferta de si, como vítima de expiação e ao mesmo tempo de reconciliação com Cristo. E por isso pedia ao Senhor: “Pela honra do Teu Nome e pela Tua santa Igreja, eu beberei de boa vontade o cálice da paixão e da morte, como sempre desejei beber; disso sois testemunha desde quando, por Tua graça, comecei a amar-Te com toda a mente e todo o coração”^{16»17}.

«Neste serviço da Igreja, vós bem compreendeis, diletos filhos, como Catarina se antecipa aos nossos tempos, com uma ação que dilata a alma católica e a põe ao lado dos ministros da fé; sujeita sim, mas também cooperadora na difusão e defesa da verdade e da restauração moral e social da convivência humana»¹⁸

¹¹ SÃO PAULO VI, *Evangelii Nuntiandi*, 16.

¹² *Diretório de Missões Ad gentes*, 10

¹³ SÃO JOÃO PAULO II, *Ut unum sint*, (25 de maio de 1995) 9.

¹⁴ B. RAIMUNDO DE CÁPUA, *Legenda Maior*, III, 1.

¹⁵ *Ibidem*.

¹⁶ *Ibidem*, III, 2.

¹⁷ SÃO JOÃO PAULO II, *Homilia no VI centenário da morte de Santa Catarina de Sena*, (29 de abril de 1980) 4-5.

¹⁸ SÃO JOÃO PAULO II, *Amantissima Providentia*, (29 de abril de 1980).



«A mensagem de uma fé puríssima, de um amor ardente e de uma dedicação humilde e generosa à Igreja Católica, Corpo Místico e Esposa do Redentor Divino, é portanto, a mensagem típica desta Doutora da Igreja, para iluminação e exemplo de todos os que se gloriam de pertencer à mesma Igreja»¹⁹.

«Em uma de suas entrevistas (com Gregório XI) Catarina perguntou por quê na corte de Roma, onde deveriam florescer todas as virtudes, só reinavam os vícios mais infelizes. Então, o Papa perguntou se fazia muito tempo que Catarina estava em Roma e ao ser informado de que havia chegado a poucos dias, disse à serva de Deus: “- Como a senhora soube tão rápido o que acontece por aqui?”. Catarina, deixando de lado sua humilde continência para assumir um ar de autoridade que me deixou assombrado, pronunciou as seguintes palavras: “- Devo declarar para a glória de Deus Todo Poderoso que, ainda quando estava na minha cidade natal, percebi a contaminação dos pecados que se cometem em Roma de uma maneira mais clara e distinta do que percebo aqueles pecados que se cometem todos os dias”. O Papa guardou silêncio. Eu não pude reprimir o gesto de surpresa que me causaram estas palavras e jamais esquecerei o tom de autoridade com que Catarina falou ao grande pontífice»²⁰.

3. Conclusão

«O missionário não desempenha a tarefa de funcionário: o anúncio do evangelho supõe e exige do missionário um amor fraternal sempre crescente para com aqueles a quem evangeliza, como São Paulo, o missionário dos gentios: *assim, movidos pelo amor que temos para convosco, queremos dar-vos não só o evangelho de Deus, mas, ainda nossas próprias vidas, por tão amados que nos viestes a ser* (1 Tes 2,8; cf. Fl 1,8).

De que amor se trata? Muito mais do que de um pedagogo; é o amor de um pai; mais ainda, de uma mãe (cf. 1 Tes. 2, 7. 11; 1 Cor. 4, 15; Gál. 4, 19.). Tal é o amor que o Senhor espera de cada pregador do Evangelho, de cada construtor da Igreja. Um sinal de amor será o desejo de oferecer a verdade e conduzir a unidade»²¹.

«Ao missionário, pede-se que “renuncie a si mesmo e a tudo aquilo que antes possuía como seu, e se faça tudo para todos”²²: na pobreza que o torna livre para o Evangelho, no distanciar-se de pessoas e bens do seu ambiente originário para se fazer irmão daqueles a quem é enviado, levando-lhes Cristo salvador. A espiritualidade do missionário conduz a isto: “com os fracos, fiz-me fraco (...) Fiz-me tudo para todos, para salvar alguns a todo o custo. Tudo faço pelo Evangelho...” (1 Cor 9, 22-23)»²³.

Tal foi o amor de nossa Santa, sinal eloquente e eficaz de conduzir à verdade e à unidade, assim foi que levou a cabo sua **emblemática** missão de instaurar a unidade na Igreja. Com um zelo incansável, gastando-se e desgastando-se pela Santa Igreja e pelo Santo Padre, verdadeiramente incendiou o mundo, foi sal na terra, cumpriu com a missão a que Deus lhe confiava, incendiou o mundo com a caridade que lhe inflamava.

Assim concluiu São João Paulo II sua homilia no centenário de Santa Catarina, seguindo o que dizia a Santa aos seus discípulos: «“Se fordes aquilo que deveis ser, poreis fogo a toda a Itália”²⁴; mais, acrescento eu: Deste ‘fogo’ precisa a humanidade mesmo hoje, e até talvez mais hoje que ontem. A palavra e o exemplo

¹⁹ SÃO PAULO VI, Homilia de Proclamação de Santa Catarina de Sena como Doutora da Igreja, (04 de outubro de 1970) 5.

²⁰ B. RAIMUNDO DE CÁPUA, *Legenda Maior*, II, 3.

²¹ *Diretório de Missão Ad gentes*, 141-142

²² CVII, *Ad gentes*, 24

²³ SÃO JOÃO PAULO II, *Redemptoris Missio*, (7 de Dezembro de 1990) 88.

²⁴ Cf. *Carta*, 368.



de Catarina suscitem em muitas almas generosas o desejo de serem chamas que ardam e, como ela, se consumam para dar aos irmãos a luz da fé e o calor da caridade “que não acabará nunca” (1 Cor 13, 8) »²⁵.

A Igreja necessita missionários santos que vão pelo mundo a incendiar como brasas, necessita de religiosas que sendo outras Catarinas abrasem o mundo no amor de Deus. Essa graça pedimos a Santa Catarina, de incendiar o mundo sem ser esquivas à aventura missionária, com zelo incansável e com grande entusiasmo.

Madre M^a Virgem Menina

Superiora da Comunidade N. Sra. do Mato Grosso, Coronel Sapucaia - MT
27 de abril de 2020

²⁵ SÃO JOÃO PAULO II, *Homilia no VI centenário da morte de Santa Catarina de Sena*, (29 de abril de 1980) 5.